# 2 - Discurso e Conferência

# DISCURSO DE POSSE NO INSTITUTO DO CEARÁ

**Eduardo de Castro Bezerra Neto**

Chego hoje a esta Casa com humildade, respeito e desejo de trabalhar.

Com humildade, por ter consciência da exigüidade dos meus méritos, que contrastam com a amplitude das minhas limitações.

Com respeito, porquanto sou conhecedor do enorme acervo científico e cultural do Instituto, acervo ainda não convenientemente aproveitado e até mesmo desconhecido de grande parte dos concidadãos deste Estado. Mas que nem por isso perde o seu valor intrínseco. E, portanto, diante deste monumento de ciência e cultura, que é o Instituto do Ceará, eu me posiciono reverente, ao nele ter ingresso.

Com desejo de trabalhar, em razão de que interpreto como um crédito de confiança os votos que me facultaram o acesso à condição de Membro Efetivo. Esse crédito eu me proponho a honrar.

No seu magistral discurso de posse na Academia Cearense de Letras, o Pe. Francisco Sadoc de Araújo aludia aos patronos das cadeiras da Academia. Referia-se ele aos quarenta varões, postados de pé, guardiães das letras, da ciência e da cultura. Sentia-se feliz por ter como nume tutelar Capistrano de Abreu, o maior entre os historiadores nacionais.

Também partilho de felicidade semelhante, mas não igual. Deus me deu, por antecipação, não um, mas vários patronos.

Retorno o olhar sobre os caminhos do tempo e me vejo um jovem de pouco mais de 15 anos. Junto a mim está Raimundo Girão. Sob sua influência emergiu o interesse pelo

estimulante campo da pesquisa histórica, que hoje me faz integrar ao Instituto.

Lembro com admiração sua maneira de agir. Teve a coragem de emprestar-me não apenas livros, mas também documentos. Demonstrou uma paciência sem limites ao oferecer-me orientação. Com maestria, retirou-me do terreno ilusório dos sonhos de grande historiador dos primeiros passos e conduziu-me ao realismo do trabalho sério.

Se chego ao Instituto por um crédito de confiança, esse crédito foi aberto por Raimundo Girão.

O primeiro avalista foi Manoel Albano Amora. Por razões que guarda consigo, atribuiu aparência consistente aos primeiros produtos do meu trabalho. Soube manter vivo um longo diálogo de estímulo à pesquisa e franqueou-me sua biblioteca.

A lâmpada acesa por Raimundo Girão foi abastecida e mantida com luz por Albano Amora.

Tornei-me, assim, um aprendiz de historiador, conhecendo apreciável volume de fatos, razoavelmente rico de idéias e transformado em colecionador de notas dispersas. Permanecia, porém, sem produzir, por decorrência de um complexo de "semi-analfabetismo cultural".

Somente a tenacidade militar do General Raimundo Teles Pinheiro me tiraria desse estado de espírito. A ele devo minha estréia nas letras históricas, com breve trabalho intitulado **O Primeiro Voluntário do Ceará e a Batalha de Tuiuti**, publicado originalmente no jornal **O Povo** e transcrito depois na Revista do Instituto, Tomo LXXXI, 1967. Mais não ficou aí. Persistiu. À produção de que fui capaz credito, em grande parte, ao seu incentivo.

Fernando Câmara consolidou minha vocação no campo da genealogia. Sendo ele próprio um genealogista de larga versatilidade, compartilhou comigo o seu acervo, de modo a permitir que se eliminassem inúmeras lacunas nos apontamentos sobre a Família Bezerra de Menezes, comum a nós, e sobre a Família Câmara, comum a ele e a Maggy, minha esposa.

Não apenas isto. Criou uma imagem de minha pessoa superior à sua dimensão concreta. Somente assim encontro explicação para o fato de meu nome ter sido referendado pelos Consócios do Instituto.

Junto com os quatro primeiros, mais recentemente destacou-se o patrocínio de Francisco Alves de Andrade, aliado ao

de Denizard Macedo de Alcântara, Mozart Soriano Aderaldo, Itamar Espíndola, Vinicius Barros Leal, reponsáveis pela apresentação e encaminhamento da votação da proposta e, hoje, por me paraninfarem nesta solenidade de posse. Nela a voz fraterna do Dr. Francisco de Assis de Arruda Furtado empresta calor e colorido especial ao ato.

Patronos, tenho vários. Deles todos me honro. A todos muito admiro, estimo e sou reconhecido. Nume tutelar, porém, tenho apenas um. Refiro-me ao Dr. José Guimarães Duque. Nume, porquanto já se encontra integrado na experiência imediata de Deus.

Os marcos de sua biografia balizam sua passagem em nosso meio. Todavia não exprimem, com fidelidade, a imagem do homem que permanece vivo na memória dos que o conheceram.

Tendo nascido na Fazenda Sumidouro, em Lima Duarte, Minas Gerais, no dia 21 de setembro de 1903, José Guimarães Duque experimentou desde o berço o apelo da terra e da natureza. Cursou o primário e o ginasial em Juiz de Fora. Fez o científico em Lavras e aí graduou-se Bacharel em Agronomia, em 14 de novembro de 1928.

Exerceu o Magistério Superior em seu Estado natal e no Ceará. Secretário de Agricultura da Paraíba. Foi, entretanto, ao DNOCS que dedicou a maior parcela de suas atividades profissionais. Agrônomo daquele Departamento, veio posteriormente a exercer as funções de Chefe do Serviço Agroindustrial, Chefe da Assessoria Técnica e Membro Efetivo do Conselho de Administração.

Membro, ainda, de inúmeras entidades profissionais e culturais, no Brasil e na França, representou o País em diversos congressos realizados no exterior.

Publicou onze trabalhos, dentre os quais destacam-se **Solo e Água no Polígono das Secas** e **O Nordeste e as Lavouras Xerófilas**. Os demais títulos são: **O Fomento e a Produção Agrícola, Observações para a Cultura da Oiticica, O Homem e a Produção, A Política da Abundância de Alimentos, Apreciação sobre os Solos do Nordeste, Melhoramento dos Pastos no Nordeste, Ligeiro Estudo sobre Irrigação, Curso de Semi-Aridez e Lavouras Xerófilas e Nordeste, Ecologia e Desenvolvimento.**

Elegendo o Ceará seu Estado por adoção, veio a casar com Dona Laura Moreira Duque, cearense, em 2 de julho de

1935 e do matrimônio provieram quatro filhos: Marcelo, Sérgio e Sílvio Guimarães Duque e José Guimarães Duque Filho.

As homenagens que recebeu foram respostas aos méritos dos seus trabalhos, que se perpetuam além do seu falecimento, em 12 de maio de 1978.

A grandeza do Dr. Duque adquire dimensão ímpar porquanto alicerçada em marcante simplicidade. Esta foi, sem dúvida, a característica mais espontânea de sua personalidade e aquela que mais me impressionou ao longo dos anos que convivemos na mesma área de trabalho, primeiro no Banco do Nordeste, depois no Conselho de Administração do DNOCS.

Como cientista e administrador, embora lidasse com grandes projetos, a grandeza dos números não exerceu fascínio sobre ele. Muito ao contrário, fez ciência isento de preocupação com objetivos portentosos. Transferindo-se para o Nordeste, bem mais subdesenvolvido do que hoje, dedicou-se ao estudo do meio-ambiente, na tentativa de transformá-lo em aliado do homem.

Ao conciliar a arguta capacidade de observação ao raro dom da simplicidade, foi capaz de se deter sobre plantas com ou sem valor econômico. A partir delas aprofundou o conhecimento dos mecanismos de defesa que as espécies vegetais nativas utilizam para fazer face à escassez de água. Avançou a passos largos sobre as constatações dos que o antecederam e assentou os fundamentos de uma agricultura adaptada ao meio nordestino.

Sua obra, **O Nordeste e as Lavouras Xerófilas**, traduz na maturidade profissional do Dr. Duque o produto de décadas de trabalho voltado para descobrir as potencialidades da região semi-árida.

Desperta admiração constatar que quando apenas raras vozes referiam-se à ecologia, já a voz do Dr. Guimarães Duque se elevava, alertando para os danos causados pelo uso indiscriminado dos recursos naturais. Essa mentalidade ecológica o acompanhou sempre, consolidando-se por decorrência de suas observações, reveladoras de uma progressiva degradação do meio-ambiente.

Argumentou quanto à prioridade de uma ocupação dirigida das áreas não sujeitas a secas, na faixa de transição entre o Nordeste semi-árido e a Amazônia úmida. Defendeu a abertura de uma rodovia para o oeste, que veio a ser construída

quase vinte anos depois. Na edição de 1953 de **Solo e Água no Polígono das Secas**, mesmo sem nome, a Transamazônica aparece delineada com significativa aproximação.

Diante desses aspectos de sua produção científica, o Dr. Guimarães Duque ressurge como pessoa adiante do seu tempo. Diria que foi um historiador do futuro.

Seu humanismo o transformou em antropólogo com atitudes de santo.

Se as grandezas numéricas jamais o impressionaram, doutra parte o humilde trabalhador rural, sem terra ou pequeno proprietário, ocupou lugar privilegiado em suas preferências. Nesse particular revelou inequívoca coerência com a realidade. Com efeito, 75% ou mais da produção nacional de alimentos e matérias-primas agrícolas provinham dos pequenos e médios estabecimentos, ao tempo em que o Dr Duque voltou a sua atenção para esse herói anônimo. No prefácio à 2ª. edição de **Solo e Água no Polígono das Secas** está a marca dessa sua preocupação, de ajudar o rurícola a superar as limitações da pobreza em que vivia e ainda vive. Externou então:

> "O que escrevemos destina-se mais aos homens do campo, aqueles que estão agarados na empresa ingrata e desprezada de alimentar os outros, os que carecem de estímulo e de entusiasmo para tomarem parte mais decisivamente na "correção" do clima rebelde, poupando a vegetação nos pontos críticos, para não intensificar mais a aridez e não anular a função irrigatória do açude".

Deus revelou-se mais uma vez Pai, ao dar-me o patrocínio do Dr. Guimarães Duque nesta casa, muito embora eu o preferisse ver prosseguindo o trabalho que tanto nobilitou a sua vida.

Este é um Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico. Mas que sentido teria fazer história em uma época de busca intensa de desenvolvimento material?

Grandioso é o esforço pela descoberta de novos produtos e a criação de novos serviços. Dura é a luta para sobreviver no ambiente competitivo contemporâneo. Competição que se alardeia ser o móvel mais eficiente do desenvolvimento, ainda que seja também o mais doloroso. Competição indutora do progresso, porém contraditória, que se admite pelo impacto

dos meios de comunicação, mas que no íntimo se rejeita, porquanto o apelo da solidariedade ainda repercute audível no fundo das consciências.

Ante um mundo assim tão ansioso de bem-estar material, tão denso de conflitos, como entender a razão de ser da história?

A sabedoria de um velho índio yaqui sugere uma resposta.

Aliando as qualidades de antropólogo e de escritor, Carlos Castaneda conviveu longamente com um índio yaqui de mais de 70 anos. Retratou-o em quatro livros, sob o pseudônimo de Dom Juan. No mais recente, **Porta para o Infinito**, Castaneda reproduz um diálogo sobre a percepção experimental da existência humana e o significado do tempo. A lição do índio, ao lado de ser cândida, é profunda.

Na concepção de Dom Juan não existe a percepção imediata do presente. A percepção de existir situa o homem como se estivesse a um passo atrás no tempo. O presente está sempre fluindo rapidamente, de tal modo que quando o homem começa a pensar sobre o que lhe acontece, o objeto do seu pensamento não é mais presente e sim passado!

Resumindo suas idéias, Dom Juan dizia:

> "Estamos sempre a um passo afastados (do presente) e nossa experiência do mundo é sempre uma recordação da experiência".

Nas raízes de sua cultura o velho índio encontrou uma concepção próxima daquela que a psicologia nos permite deduzir, mediante o recurso a conceitos bem mais sofisticados.

Com efeito, objetivamente, fatos históricos são os acontecimentos da existência. Atuando através dos sentidos, o subconsciente grava a apreensão imediata desses fatos, à semenhança de uma fita de computador. Todavia, os registros na memória consciente não mais reproduzem os fatos. São registros de interpretações.

Embora a transição seja extremamente rápida, percepção e interpretação não são operações simultâneas. Uma se segue à outra. Daí a razão que tinha Dom Juan em afirmar que o homem está sempre afastado um passo em relação ao presente. E que a experiência (consciente) do mundo representa, de fato, uma recordação dessa experiência.

Uma vez que se aceite como função da história, reconstituir os acontecimentos e aclarar o seu significado, ter-se-á de admitir que o automatismo reflexivo da inteligência nos transforma, a todos, em historiadores. Em certo sentido, viver é um processo continuando de elaboração histórica.

Somos historiadores de nós próprios, seja relativamente ao nosso passado imediato, seja em relação ao nosso passado mais distante. Podemos imaginar ou levantar hipóteses quanto ao futuro, mas deduzir conclusões, apenas o podemos fazer com apoio no passado.

Paradoxalmente, o processo histórico faz o passado tornar-se presente.

José Honório Rodrigues abre a sua **Teoria da História do Brasil** com um pensamento bem apropriado:

> "Deus não é dos mortos, mas dos vivos, porque para ele todos são vivos.
>
> A história também não é dos mortos, mas dos vivos, pois é a realidade presente, obrigatória para a consciência, frutífera para a experiência.
>
> A vida e a realidade são história, gerando passado e futuro. Assim, todo o movimento da consciência, toda a pulsação vital do espírito é história".

A história, portanto, não perdeu a sua razão de ser, nos dias atuais. Ela é espontânea como ato de criatividade humana e exerce a função de guia do homem, a partir do seu passado, na direção do futuro.

Se, pois, cada um de nós faz a sua própria história e a interpreta, embora poucos a escrevam, é natural que alguns ultrapassem os seus limites pessoais, para se deterem sobre a memória comum da coletividade. Tarefa interminável, visto que fatos novos são gerados a cada instante. Eis porque, ainda que contando com um registro historiográfico tão rico, inscrito na sua portentosa Revista; ainda que dispondo de uma bibliografia tão diversificada, a missão do Instituto do Ceará não está completa. E jamais se completará.

Sem dúvida, o Ceará dos séculos XVII a XIX foi mais pesquisado que o Ceará do século XX. Mesmo assim, existem acontecimentos inéditos daqueles três séculos à espera de um autor. E, sem embargo, a história recente configura expressivo campo a ser trabalhado.

Quanto a mim, o mais novo e menos experimentado entre os que se assentam nas cadeiras deste Instituto, não trazendo grande bagagem comigo, proponho-me apenas a ser fiel ao compromisso assumido no início: honrar o crédito que me foi aberto.

Desejo, neste momento, render um preito de reconhecimento, respeito e afeto ao meu pai, José Moacyr Bezerra. Ele não é visto, mas sei que de perto de Deus onde está, ele nos vê. Os mesmos sentimentos dirijo à minha mãe Eunice, à Maggy, minha esposa, e à Astrid, Marta, Eduardo e Paulo, que os tenho bem chegados ao meu coração, unidos em um único e grande amor.

Às Excelentíssimas Autoridades, aos Membros do Instituto, aos Irmãos e Parentes, às Senhoras, aos Senhores e aos Jovens, todos meus amigos, desejo dizer, a cada um em particular, que as suas presenças, a par de emprestarem brilho e honra a este ato, representam, por igual, razão de muita alegria.

Muito obrigado.